

AS COOPERATIVAS E A SEGURIDADE SOCIAL

João Evangelista⁽¹⁾

O Sistema Cooperativo Brasileiro coloca-se diante de sérias dificuldades, principalmente depois do início do processo de globalização da economia. As cooperativas do segmento agropecuário e, mais especificamente, as ligadas à atividade leiteira, enfrentam tempos muito difíceis e somente propostas arrojadas poderão livrá-las da crise na qual caíram.

Dentre os fatores que afetam o bom desempenho das cooperativas, podemos mencionar a globalização da economia, a economia informal, o fim da subvenção, os problemas gerenciais, a carência de recursos financeiros a taxas de juros compatíveis e, finalmente, o desencontro de objetivos.

- **Globalização da Economia.** Tornou-se difícil a concorrência das cooperativas com as empresas do ramo, que se tornaram mais eficientes, pela profissionalização do pessoal e acesso à tecnologia internacional, tanto nos aspectos produtivos quanto comerciais e financeiros.

- **Economia informal.** Por não pagar impostos, o

mercado informal estabelece uma concorrência desleal com as firmas organizadas, sendo as maiores vítimas as cooperativas de pequeno porte, principalmente aquelas localizadas no interior do País e que agem como entrepostos de compra e venda de mercadoria, ou seja, como supermercado que não pode agir na clandestinidade e fugir da carga tributária, das leis trabalhistas e demais custos inerentes.

- **Fim da subvenção.** Com o advento da nova ordem que se seguiu à queda do muro de Berlim, os subsídios estão sendo paulatinamente eliminados. O Brasil andou mais depressa que os países ricos em bani-los do meio rural. As cooperativas estão entre as principais vítimas das políticas neoliberais, porque perderam o acesso ao crédito subsidiado. Tendo que refinar suas dívidas a juros de mercado, muitas faliram e a maioria entrou em profunda crise.

- **Problemas gerenciais.** Se analisarmos o perfil de uma parte significativa dos dirigentes das cooperativas brasileiras, veremos que os mesmos não têm as qualificações adequadas para o desempenho da função. Em sua maioria, são produtores rurais habituados a gerenciar o negócio agrícola com critérios bastante rudimentares no que diz respeito às técnicas e conhecimentos gerenciais modernos. As cooperativas não faliram antes porque a ineficiência era compensada pelos subsídios do governo. Estes retardaram, assim, a modernização dos processos gerenciais e, por isso, são os grandes responsáveis pela crise que as cooperativas têm diante de si.

- **Montante da dívida.** O nível de endividamento das cooperativas ligadas ao setor agropecuário é da ordem de 3,5 bilhões de reais, no Banco do Brasil e no sistema oficial de crédito, devendo ser imediatamente renegociados cerca de 2,9 bilhões, sem o que haverá falência generalizada. Dificilmente haverá recursos do go-

(1) Consultor da EMBRAPA

verno para novos investimentos. Sendo, assim, as cooperativas devem buscar novas fontes para financiar suas atividades e investimentos.

• **Desencontro de objetivos.** Por fim, cita-se o desencontro de objetivos das cooperativas em relação ao de seus associados. Se analisarmos as cooperativas agropecuárias, observamos que a maioria age como cooperativa de consumo, ou seja, são verdadeiros supermercados ou casas de produtos agropecuários e, às vezes, postos de revenda de gasolina. Portanto, a relação existente com seus associados, os produtores rurais, está na venda de produtos demandados pelos mesmos, como insumos ou consumo do lar. Ora, para isso existem as casas de venda de produtos agropecuários e os supermercados. O associado da cooperativa é muito pouco beneficiado pois, os preços são iguais, quando não superiores, àqueles dos concorrentes. Ainda mais, dificilmente as cooperativas contam com departamento técnico, enquanto as casas de produto agropecuário normalmente já o têm, pois grande parte de seus proprietários são agrônomos, zootecnistas, veterinários etc. Estes normalmente orientam seus clientes, embora de forma precária, mas com eficiência superior à das cooperativas que, em sua maioria, já desativaram seus departamentos técnicos, se é que já os tiveram.

Apressadamente, muitos poderão concluir pelo fim das cooperativas. Não é o caso. Precisam ser reorientadas. A forma é relativamente simples, bastando para isso analisarmos o real problema de seus associados e procurar atendê-los em suas necessidades mais importantes, no que diz respeito ao aspecto técnico, comercial e social.

Comercial. Em primeiro lugar, ser uma fonte de informação sobre preços para os associados, tanto na compra como na venda. Se, porventura, se tiver que operar no mercado, somente fazê-lo se a escala e fontes de financiamento o justificarem.

No comercial, podemos direcionar as cooperativas a atuarem de forma diferente da que existe hoje, deixando de lado o comércio direto, e passando a realizar convênios, com as várias casas comerciais da região, de sua área de atuação, propiciando informação responsável para aquisição de insumos. Modelo semelhante poderia ser implementado na venda de produtos, dando condições aos produtores de aglomerarem a produção em lotes maiores e, assim, obterem preços melhores.

Técnico. As cooperativas devem reativar ou criar os departamentos técnicos, pois isto é o que realmente interessa aos produtores, os quais necessitam muito de assistên-

cia técnica, em função da velocidade das inovações que chegam ao mercado, oriundas da pesquisa. Mas, esses departamentos devem terceirizar suas atividades, através de contratos com os técnicos, tendo um quadro de pessoal suficiente apenas para administrar e fiscalizar os contratos.

Ainda sobre os departamentos técnicos, as cooperativas poderão muito contribuir para os associados, adotando o modelo já vitorioso em alguns países da América Latina, especialmente na Argentina, lá denominado de grupo CREA. É uma forma moderna de assistência técnica, sem ônus para as cooperativas, mantida pelo produtor, desde que a cooperativa contribua com o treinamento do técnico e o mesmo consiga provar sua competência.

Social. Hoje, com as dificuldades enfrentadas pelo sistema previdenciário existente no País, deveríamos direcionar os objetivos das cooperativas para agirem também como **Fundo de Pensão**.

Especificamente sobre o fundo de pensão, cabe a pergunta: qual a importância disso? Diria que são duas ações básicas nas quais o fundo de pensão pode ajudar em muito o associado. Em primeiro lugar, propiciando uma velhice digna ao ruralista que hoje, em grande parte, ao envelhecer, tem uma miserável aposentadoria, de um salário mínimo, pelo sistema previdenciário oficial, ou, então, vira dependente da família, sobrecarregando filhos e parentes, numa situação humilhante.

Em segundo lugar, o fundo de pensão será uma fonte de capitalização das cooperativas, propiciando-lhes recursos financeiros que poderão ser usados, entre outras coisas, como empréstimos aos seus associados. Trata-se, assim, de um modelo de poupança, nos moldes da economia moderna.

Um cálculo grosseiro pode ser feito através de um exemplo: se um agricultor recolhe a um fundo de pensão R\$100,00 por mês, durante 35 anos (tempo estimado para aposentadoria pelo INSS) ele terá uma economia ou patrimônio de R\$345.000,00, sendo o rendimento de 10% ao ano. Se no final do período ele retirar somente o rendimento de sua poupança, ele estará retirando R\$34.500,00 ao ano, o que propiciaria uma pensão mensal de R\$2.875,00 e ainda preserva seu patrimônio, o que poderá ser retirado, quando ele quiser, ou fazer parte de seu espólio. É óbvio que as co-operativas passarão a contar com uma soma enorme de recursos, cujo uso, além do financiamento aos agricultores, precisa ser regulamentado e fiscalizado para que se evitem as péssimas experiências do passado. Dificuldades surgirão para a implementação da idéia. Mas serão vencidas, à medida que experiências se acumularem.